

Constituinte, sem 400, pára novamente

Brasília - José Varella

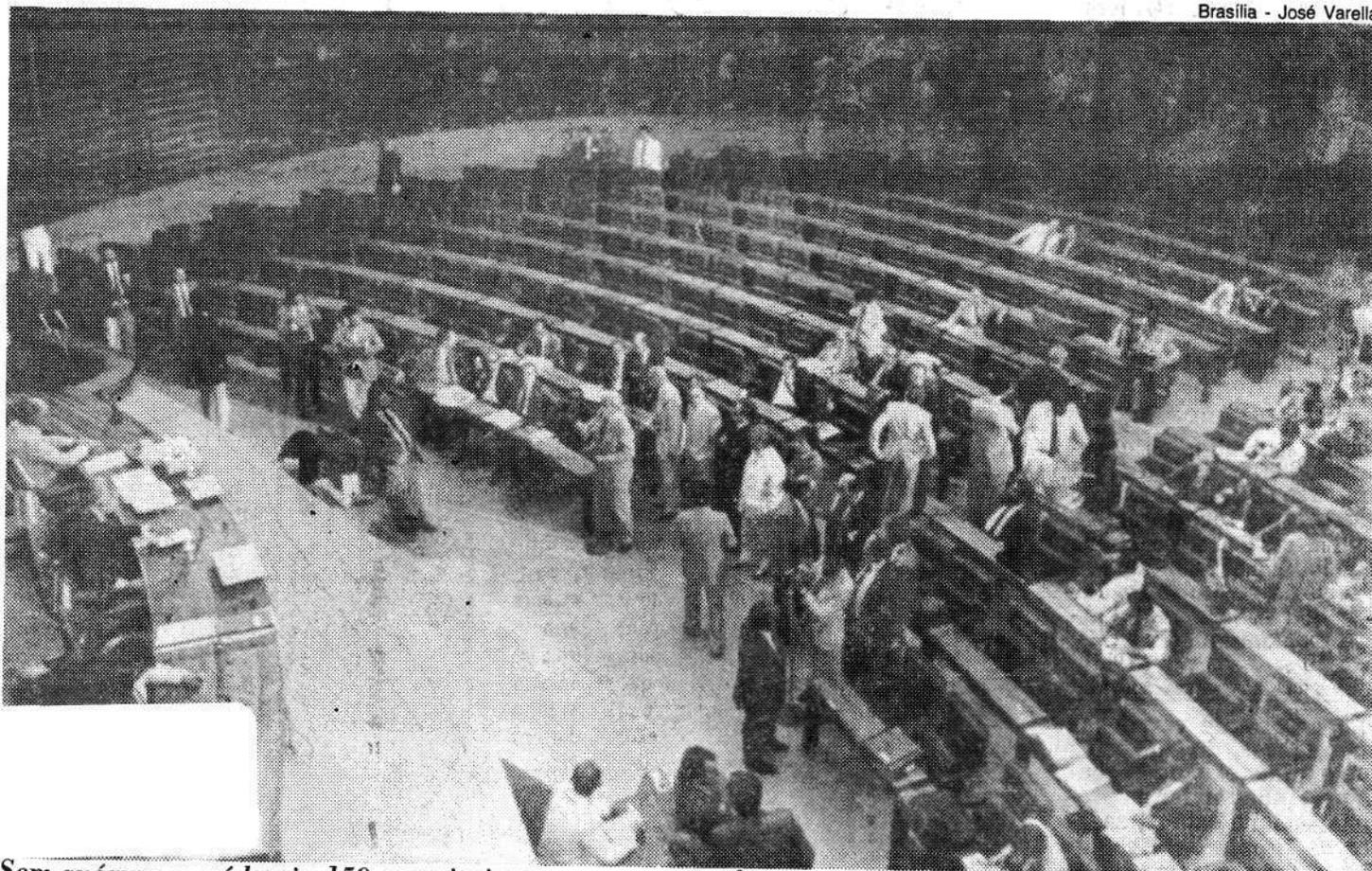
BRASÍLIA — Quatrocentos constituintes faltaram à sessão de ontem, que foi suspensa uma hora e meia depois de aberta, por falta de quórum, com a presença de apenas 159 parlamentares. Não houve nenhuma votação, renunciando uma semana de plenário vazio e sem deliberações. Diversos oradores pediram providências ao deputado Ulysses Guimarães para punir os gazeteiros.

A deputada Sandra Cavalcanti (PFL-RJ) voltou a insistir na proposta de que o regimento seja reformado para que a Constituinte possa decidir com os votos da maioria dos presentes. "No dia que fizermos isso, muitos irão descobrir o caminho que leva à porta de entrada do plenário", disse. O deputado Milton Reis (PMDB-MG) pediu a Ulysses que a Mesa publique diariamente a lista dos ausentes. Outros defenderam a tese de que o parlamentar que faltar a mais de três sessões deve ceder o lugar ao seu suplente. Ulysses prometeu estudar uma solução para o problema.

Além dos discursos dos deputados Fernando Lyra e Cristina Tavares (PE), que subiram à tribuna para comunicar seus desligamentos do PMDB, os demais oradores limitaram-se a curtas intervenções no pinga-fogo. O deputado Edmilson Valentim (PC do B-RJ) registrou a passagem do 20º aniversário da morte do estudante Edson Luís Lima Souto, no Rio de Janeiro, que deu início às grandes manifestações contra a ditadura militar em 1968.

A deputada Dirce Tutu Quadros (PTB-SP) protestou contra as manobras para adiar as eleições para prefeitos e vereadores marcadas para novembro deste ano. Jorge Hage (PMDB-BA) disse que provavelmente em breve seguirá o mesmo caminho de Cristina Tavares e Fernando Lyra, deixando o PMDB.

Ao final da sessão, os senadores Fernando Henrique Cardoso (SP), Mário Covas (SP) e José Richa (PR) saíram juntos do plenário, rumo a uma reunião para definir a estratégia do rompimento com o PMDB.



Sem quórum — só havia 159 constituintes —, a sessão foi encerrada hora e meia após ter sido aberta

Vivaldo defende proposta

BRASÍLIA — Quando a Constituinte aprovou há uma semana o sistema presidencialista de governo, os três primeiros títulos da Nova Carta, especialmente o que se refere ao Poder Executivo, apresentavam uma filosofia parlamentarista, mencionando inclusive a figura de um primeiro-ministro. Apesar dessa contradição, o deputado Vivaldo Barbosa (PDT-RJ), um dos autores da emenda presidencialista, desafia qualquer constituinte a apontar nela um defeito substancial.

"A dificuldade, hoje, é a de aceitar e assimilar a idéia do presidencialismo, e não a de adequação do sistema de governo ao texto já aprovado", sustenta Vivaldo. A seu ver, os constituintes precisam respeitar mais a emenda aprovada. "Não há a menor necessidade de se criar uma

comissão revisora para fazer os ajustes necessários. Se o relator se julgar incapaz de fazê-lo, que renuncie".

Já o deputado Eraldo Tinoco (PFL-BA) ressalta que a emenda fortalece o Legislativo. "Os parlamentaristas estão tentando evitar esse aspecto para tornar o regime presidencial vulnerável a curto prazo, numa posição de quem perdeu a batalha mas não quer perder a guerra".

O líder do PCB, deputado Roberto Freire (PE), sustenta a tese de que os presidencialistas fizeram uma emenda falha, e por isso agora não querem que ela fique como foi apresentada.

Para o deputado José Costa, de Alagoas, que ontem deixou o PMDB, "é fundamental uma comissão de revisão, para a Constituição não se transformar em samba do crioulo doido".

'Robertão' em campanha pede auxílio paulista

SÃO PAULO — Em campanha aberta para se eleger presidente da Câmara dos Deputados, em substituição a Ulysses Guimarães, em fevereiro de 89, o deputado Roberto Cardoso Alves, o Robertão (PMDB-SP), um dos mais ativos líderes do Centrão pediu o apoio do governador Orestes Quércia para sua candidatura, porque "o governo de São Paulo é uma poderosa máquina e um poderoso instrumento político". Quércia não se comprometeu com ele.

"O meu nome circula bem dentro do PMDB, por força de minha clareza de posições, transparência e franqueza", disse Robertão, que acredita ter condições de vencer os dois deputados que, até agora, também aparecem como candidatos ao cargo: Bernardo Cabral (PMDB-AM) e Paes de Andrade (PMDB-CE). "Eles são parlamentaristas e quatroanistas, ou seja, pertencem ao grupo dos derrotados", disse Robertão.

Segundo o deputado de São Paulo, "o Centrão não vai acabar porque não é um grupo político, é um posicionamento ideológico".